

# Futebol "Malpica-Monforte"

## Em abôno da Verdade, da Justiça e do Bem

Sr. Director:

Ao tomar conhecimento, por intermédio do jornal semanário «Beira Baixa», de que V. ... é mui digno Director, da reportagem ao encontro de futebol «Malpica-Monforte» não posso, de forma alguma, deixar de pedir a V. ... a subida gentileza de me publicar, na íntegra, a carta que envio, para que em abôno da Verdade, da Justiça e do Bem, se faça tornar público, como é de justiça, que tal reportagem torna-se o cúmulo da ingratidão, visto que os factos narrados estão deturpados, erróneos e pouco claros; próprio, é certo duma pessoa eivada de espírito hostil e ridículo.

Criticar é analisar. Ora o crítico do encontro não analisou, fez da crítica uma arma de ataque; para semelhante crítico, criticar é sinónimo de mal-dizer e de apontar êrros e defeitos alheios hipotéticos. Neste caso, a sua crítica transformou-se num odioso instrumento de maledicência, prejudicando, irremediavelmente, o equilíbrio da razão. Julgar os

outros com leviandade, má-fé ou superficialmente, ao sabor de caprichos momentâneos e de paixões corrosivas, torna-se, quasi sempre, intempestiva e sem base. Daqui resulta ser, ridícula, nociva e injusta a sua reportagem.

Todo o crítico deve inclinar-se e debruçar-se continuamente sobre o seu pensamento, visto que o pensamento é, no fundo, um acto de crítica honesta e ponderada. Antes de aceitar definitivamente qualquer pensamento ou de tomar qualquer resolução, urge tirar, além da prova dos nove, que nem sempre é segura, a prova real. Não basta encontrar uma solução ou julgar tê-la encontrado: torna-se imprescindível, antes de mais nada, verificar a sua viabilidade, justiça e sensatez. E' isto que, desgraçadamente, o crítico do encontro não fez. Aceitou um conflito, sem contudo, observar a sua origem e natureza.

Não estará, o crítico do encontro, suggestionado por qualquer paixão mesquinha? Não terá a inteligência aviltada e

caluniada, precisamente porque toma como trigo, aquilo que não passa de simples joio? E' com as suas impressões fluidas que nós (Malpiqueiros) formamos as nossas maciças conclusões.

Ora vejamos:

a) O crítico diz «A-pesar-da hora um pouco tardia...» e mais abaixo diz que o encontro principiou às 18,30, claro está que quem tem assistido a encontros de futebol, nesta altura, nota logo este êrro crasso, se bem que, em abôno da verdade, o encontro principiou às 18,5.

b) O crítico desconhece também que numa determinada selecção não podem participar elementos estranhos à mesma, ora é bem verdade que por Malpica alinhou o defesa João Belo dos Lentiscais, mas também não é menos verdade que por Monforte alinharam próprios Malpiqueiros; daqui se conclui que o encontro era apenas entre rapazes mais ou menos conhecidos e amigos, portanto um encontro amigável.

c) «Os monforteiros contentes com a vitória...» diz também o aludido crítico. Quererá

continua...

talvez dizer: com o 1.º e único ponto alcansado... Como vê não é vitória, a vitória viria se no final os monforteiros marcassem maior número de «goals» mas infelizmente mais uma vez os monforteiros abandonaram o campo, desta vez fóra da sua própria terra! Pois em tempo, na sua própria terra, descordando com uma decisão do árbitro, abandonaram o campo, quando o resultado estava em 2-1 a favor dos malpiqueiros, tendo o seu ponto sido obtido por um nosso jogador, numa jogada infeliz, nas suas próprias rédes.

d) E' duma importância transcendente esta lamentável passagem, bastante laconica, da sua reportagem — «Aos 12 minutos do fim (devia ter dito aos 20 minutos...) numa jogada desastrosa (diz muito bem) dois adversários caem em virtude da violência do jôgo» — nota-se bem, que o crítico estava ansioso pelo fim do jôgo, pois o 1-0 era favorável à desejada vitória. Agora, antes de mais, diga: uma vez que houve violência do jôgo, quem cometeu essa violência? Não teria sido o jogador monforteiro que não obstante atingir o nosso defesa com uma joelhada no estômago, propositadamente, ainda lhe dirigir palavras bastante injuriosas e ofensivas; este nosso jogador tentou recuperar os ânimos e a calma, mas em vão, as ofensas eram

de tal quilate que só ele próprio pode contar, e então teve um gesto agressivo para com o dito jogador, natural ou antes, infelizmente vulgar nos nossos meios desportivos. Pois foi, precisamente, nesta altura que um dito espectador de Monforte, arremeteu pelo campo fóra de bengala em punho, com fim agressivo, para com o nosso defesa. Foi ainda um jogador de nome Pedro, que num gesto incompreensível se dirigiu à linha lateral munindo-se de pedras, com fim agressivo; foi então que as Senhoras e Meninas, bem educadas por sinal, cõnscias do seu dever de hospitalidade, seguraram o incorrecto jogador a-fim-de que este não fizesse uso da referida arma, e então insuportavelmente dirigia a Senhoras e Meninas, dolorosas palavras injuriosas e obscenas, impróprias dum cavalheiro, que julga saber andar pelos passeios da nossa Capital de Castelo Branco, resultado: esbofeteado pelo sexo fraco que a final é sexo forte sim, quando estão feridas no seu brio, honra e dignidade.

Por que é que não têm chegado estas verdades aos olhos do público? Naturalmente por todos nós, mais ou menos, temos palavras que não são muito gostosas, sem serem injustas.

Abram clareiras de luz aos espiritos e digam verdades, que embora sejam amargas caem bem nos corações bem formados.

E' lamentável, é certo, chega a ser vergonhoso até que tivessem sido apedrejados alguns jogadores por meia dúzia de rapazes que não obstante terem sido repreendidos por pessoas de bem, continuaram no seu intento para atingir o dito jogador incorrecto e não outra coisa. Mas afinal caso idêntico foi praticado também, por certo, por meia dúzia de incorrectos monforteiros, quando aqui há uns bons três ou quatro anos, os rapazes de Malpica foram jogar a Monforte, tendo sido maltratados, injuriados, etc. pela simples razão dos seus jogadores abandonarem o campo, em sinal de discordância da decisão do árbitro; e para confirmá-lo basta trocar impressões com o então Comandante do Posto da G. Fiscal, Sargento Artur Correia.

Pois bem, acontece agora o seguinte: os malpiqueiros são a todo o transe maltratados, ofendidos e agredidos em Monforte; são já nada mais nada menos 10 a 12 pessoas as atingidas, e as represálias dos malpiqueiros são afinal receber os seus vizinhos de braços abertos, disto têm já recebido bastas e sobejas provas.

Há na vida coisas ultramonstruosas, ou ficará capitulado este assunto duma lição moral?

Os meus humildes e respeitosos agradecimentos;

Professor Caldeira

Malpica, 12-9-945.